

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS**

**O PAPEL DA LITERATURA E DA LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS - EJA**

**Autor: Janaína Dias de Oliveira Jardim
Orientadora: Profa. Dr^a. Lúcia Helena Marques Ribeiro**

Brasília, 2013.

JANAÍNA DIAS DE OLIVEIRA JARDIM

O PAPEL DA LITERATURA E DA LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português e respectivas literaturas da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dr^a. Lúcia Helena Marques Ribeiro

Brasília, 2013



Universidade de Brasília
Instituto de Letras - TEL

TERMO DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pela aluna Janaína Dias de Oliveira Jardim, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado.

Profa. Dr^a. Lúcia Helena Marques
Orientadora

Brasília, 2013.

Dedico esse trabalho a minha filha Júlia e ao meu esposo Itamar, companheiro de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

A minha querida mãe Ruth e toda a família pelo apoio.

À Professora Dr.^aLúcia Helena Marques que, gentilmente, aceitou me orientar e contribuiu para as reflexões que culminaram no interesse e na realização desse trabalho.

**“A leitura do mundo precede a leitura da palavra.”
Paulo Freire**

RESUMO

É propósito deste trabalho fazer um breve histórico sobre a leitura no Brasil. Em seguida, apresentar os conceitos de leitura que pautaram o estudo, como também a importância do saber literário para a formação humana. Por oportuno, buscar-se-á apresentar a legislação que dispõe sobre a Educação de Jovens e Adultos - EJA, evidenciando as diretrizes para se trabalhar com leitura propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Por último, pretende-se mostrar o resultado dos dados da pesquisa realizada com alunos da EJA e sugerir uma proposta para aproximar esses alunos da literatura e despertar o interesse pela leitura literária.

ABSTRACT

Purpose of this paper is to briefly about reading in Brazil. Then introduce the concepts of reading that guided the study, and the importance of knowledge to human literary training. By appropriate, will seek to introduce legislation, which provides for the Education of Youth and Adults - EJA, providing the guidelines for working with reading proposed by the National Curriculum Parameters. Finally, we intend to show the result of the survey data conducted with students of EJA and suggest a proposal to bring these students of literature and generate interest in literary reading.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
1 A HISTÓRIA DA LEITURA NO BRASIL.....	10
2 O PAPEL DA LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA.....	13
3 O ENSINO DE LITERATURA NA EJA	15
4 O ENSINO DE LITERATURA NA EJA	18
4.1 METODOLOGIA	18
4.1.1 CAMPO DE PESQUISA	18
4.1.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	19
4.1.3 INSTRUMENTO DA COLETA DE DADOS.....	19
4.2 ANÁLISE DOS DADOS DOS ALUNOS	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
ANEXOS.....	29

INTRODUÇÃO

O Ministério da Educação (MEC) estabelece a Educação Básica como o primeiro nível do ensino escolar. Três etapas fazem parte da Educação Básica: a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, abrangendo, ainda, as modalidades de Educação Profissional, Especial e a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A EJA é um programa de Educação Básica destinada a pessoas com idade mínima de 15 anos para o Ensino Fundamental e de mínima de 18 para o Ensino Médio, que não tiveram acesso à escolarização ou que não concluíram os estudos por algum motivo. Essa modalidade de educação ultrapassa o domínio da alfabetização de adultos, incluindo outros níveis de ensino e articulando-se com a questão da preparação dos estudantes para o mercado de trabalho e atividade social.

Entendendo a leitura como uma prática social que remete a outros textos e a outras leituras e que a literatura sustenta as reflexões humanas, nesse sentido, esta pesquisa busca colher informações, por meio de questionário, sobre as práticas de leitura dos alunos da Educação de Jovens e Adultos no ambiente escolar, tendo como referências teóricas produções de autores que tratam da leitura, da literatura e da EJA.

Tem-se por objetivo principal analisar como a leitura literária ocorre no ambiente escolar da EJA. Por objetivos específicos, pretende-se apresentar a história da leitura no Brasil; analisar a importância da literatura na formação humana; refletir sobre o ensino de literatura na EJA; apresentar proposta de abordagens para a leitura literária na EJA.

Portanto, de início, será feito um breve relato histórico da leitura no Brasil; a seguir pontuar-se-á a importância da literatura na formação humana; posteriormente, será analisado o contexto da prática de leitura literária na EJA; por fim, será apresentada uma proposta de abordagem para a prática de leitura na EJA e serão feitas as considerações finais sobre os aspectos que promovem a literatura quanto à aquisição do hábito da leitura. O estudo justifica-se por contribuir com a promoção da leitura literária no ambiente escolar da Educação de Jovens e Adultos.

1 A HISTÓRIA DA LEITURA NO BRASIL

A leitura, conforme afirma Brenman (2012), envolve um conjunto de práticas codificadas, inseridas num contexto social e histórico. Sabe-se que não é um ato separado e nem somente uma operação abstrata.

Para capturar seu sentido mais amplo, torna-se imperativo compreender a leitura não somente como uma técnica de decodificação de códigos escritos, mas como bem definido pelo autor francês Bellenger, (1978):

Em que se baseia a leitura? No desejo. Esta resposta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como de uma intuição vivida. Ler é identificar-se como apaixonado ou místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o parêntese do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio e figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam). As pessoas leem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer.¹

Barthes (1998), confirma que não existe uma leitura totalmente objetiva nem completamente subjetiva. Para ele “ler é trabalhar o nosso corpo [...] na leitura todas as emoções do corpo estão presentes, misturadas, enroladas: a fascinação, a vagância, a dor, a volúpia...” Ou seja, para ler faz-se necessário deixar a superfície plana das palavras e se “transportar” para um mundo de significados. A leitura é capaz de abrir um mundo repleto de experiências e possibilidades.

Para os estruturalistas, influenciados por Saussure, não importava o conteúdo de uma obra literária. O método era analítico e não avaliativo. O signo se tornava objeto autônomo da pesquisa, ou seja, o conteúdo se tornava a própria estrutura.

Essa racionalidade perante a obra literária fortaleceu uma corrente contrária ao estruturalismo liderada por Mikhail Bakhtin. Para ele, o signo não deveria ser estudado como um ente neutro e sim como um produto da contradição humana. O signo, portanto, era impregnado de variados significados.

¹BELLENGER, 1978. Apud KLEIMAN, 2012, p.17.

O estudo da literatura não poderia contentar-se em analisar apenas as condições da época em que foi concebida, isso seria “condenar-se a jamais penetrar na sua profundidade de sentido.” (BAKHTIN, 2000, p. 364)

Nesse cenário em que a obra e o signo linguístico ganham destaque, LAJOLO (2001) chama atenção para o leitor. Para ela, “uma obra literária é um objeto social muito específico. Para que ele exista, é preciso, em primeiro lugar, que alguém a escreva e que outro alguém a leia”.

A leitura no Brasil foi impulsionada com o surgimento do romance. No entanto, nem tudo eram flores. Machado de Assis criticou esse novo contexto ao afirmar que a leitura esbarrava na impressão, por ser muito cara, e também havia falta de senso estético dos leitores, muito embora houvesse o reconhecimento de escritores externos como Ferdiand Denis, Garrett, Sismond das produções brasileiras (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991).

De acordo com as prerrogativas de Machado de Assis, Lajolo e Zilberman (1991) afirmam que, nesse período, a obra *A moreninha*, famosa no Romantismo, “dá a perceber ao leitor a superficialidade da leitura enquanto prática social e da literatura enquanto instituição cultural” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p.106), reforçando assim a falta de aprofundamento estético e crítico das obras da época.

Contribuía para este cenário a problemática do ensino, que dificultava o gosto pela leitura, como reportado em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, citada pelas autoras, em que a personagem principal relembra com decepção do período escolar.

Além disso, havia a precariedade do livro didático, para o qual, em 1826, Januário da Cunha Barbosa propôs um órgão centralizador do governo de aprovação e adoção do material (LAJOLO; ZILBERMAN 1991).

Nesse período, surgiram, então, vários centros de valorização da cultura, como o Ginásio Científico-Literário Brasileiro, o Grêmio Literário Português e outros como Associações, clubes, gabinetes de leitura e similares. Integram, no seu conjunto, o movimento em direção a uma cultura letrada, que fortalece a leitura e a escrita enquanto práticas sociais.

Já no século XX, a literatura no Brasil “é plural, recortada em história que fala diferentes línguas. Que falam por diferentes vozes, repartidas, por diferentes códigos e linguagens, unificados todos na linguagem literária” (LAJOLO, 2001, p. 107).

No século XXI, o contexto é diferente e a leitura assumiu variadas formas. Assim, há muitas discussões acerca dos contrastes em definir o que é e o que não é literatura, bem como o que é uma boa leitura e o que não é (...)” (LAJOLO, 2001, p. 122).

O que se sabe de fato é que para se ler uma obra literária é preciso ter acesso aos livros. Os caminhos para a formação do leitor, sobretudo para o aluno da EJA, começam na escola, estendendo às bibliotecas, com apoio atento e permanente dos professores.

As bibliotecas são o caminho natural para garantir o acesso à literatura, principalmente, porque podem ofertar livros gratuitamente e atrair a demanda por meio de ações de valorização e promoção da leitura.

Muitos lugares podem abrigar leituras e leitores. Como bem disse o escritor Goethe, “as pessoas não sabem o tempo e o esforço necessários para aprender a ler. Eu venho tentando há oitenta anos e ainda não posso afirmar que tenha conseguido.” Ou seja, aprender a ler é tarefa para toda uma vida.

Enquanto instituições vinculadas às práticas de leitura, as bibliotecas são entendidas, no imaginário popular, como lugares regulados pela organização metódica, pelo silêncio, pelo mistério (ou pelo proibido), por uma série de regras que, de alguma forma, inibem a liberdade e a vontade do leitor não iniciado, afastando, assim, aqueles que, por uma razão ou por outra, não se consideram leitores.

Compreender parte da nossa herança cultural é um dos caminhos para que se possa contemplar as circunstâncias nas quais se produzem as relações entre leitores e livro, sobretudo o fundamental papel de professores para a exploração das bibliotecas escolares no que podem ofertar para o desenvolvimento da leitura literária e formação de leitores.

2 O PAPEL DA LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA

A literatura é produto da arte literária. A arte não existe para si mesma, senão para contribuir para a satisfação do homem; e a arte é tanto mais elevada, quanto mais alto é o prazer que ela nos proporciona (Veríssimo, 2001, p. 91).

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.²

A literatura tem uma função humanizadora. Confirma no homem traços essenciais: o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (Candido, 1995, p. 249).

A literatura retrata verdades universais e inegáveis da natureza humana, sendo, portanto, essencial para a compreensão do homem e do planeta em que vivemos.

As narrativas são fundamentais para a vida do homem (Jorge Luís Borges). É como sonhar acordado, possibilitando um reequilíbrio mental. Para Cândido, esse equilíbrio ganha fundamentos de humanização “talvez não haja equilíbrio social sem literatura [...], confirma no homem a sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.”

Para Brenman (2012), a literatura é a expressão máxima da criação ficcional de um povo – crenças, contradições, transgressões, acontecimentos.

Quando nos deixamos invadir pela história, adentramos na ficção, estamos (inconscientemente) confrontando nossos valores, experimentando alternativas para a vida, boas ou não. Tomamos conhecimento de situações e realidades alheias, diferentes culturas, povos e organização social. Tais processos alimentam a nossa imaginação, permite-nos uma identificação, aceitar situações de desconforto, resolver conflitos e construir o senso

²CANDIDO, 1995. Apud COSSON, 2006, p.15.

crítico. Isso nos faz perceber a nossa realidade e encaminhar atitudes que nos faça mais feliz.

Segundo Brenman (2012), a leitura ou a escuta de uma história pode trazer uma variedade muito grande de experiências misteriosas que irão subsidiar o fortalecimento humano. O desconhecido é para a criança uma aventura, que alimenta a sua curiosidade e a busca do conhecimento. Enquanto o adulto valoriza demais a realidade o que acaba prejudicando a sua capacidade de imaginação, afastando-o da leveza da fantasia. A exemplo da história contada por Sherazade “As Mil e Uma Noites”, que até hoje fascina adultos e crianças:

Quando Sherazade contava, quem ouvia se esquecia de tudo, de quem era, do que era, se sentia fome ou sono. Podia a terra tremer ou o nariz coçar, nada importava quando Sherazade contava. [...] Tudo se encaixava, se esclarecia e se turvava, desenhos e melodias surgiam em quem ouvia, dizendo-lhes a diferença entre o que eram e o que acreditavam ser, quando Sherazade contava.³

A arte de contar histórias se revela como um momento de despertar da sabedoria, em que o contador relata e aconselha para a vida. Portanto, o mito, relato da experiência do homem com o mundo visível e invisível, constrói-se como uma narrativa verossímil, já que é a única explicação que organiza o caos da vida e do mundo. (Brenman, 2012, p. 19).

³BRENMAN, 2012, p. 22.

3 O ENSINO DE LITERATURA NA EJA

O direito à Educação está estabelecido na Constituição Federal de 1988. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios proporcionar os meios de acesso à Educação. O artigo 205 dispõe “a Educação, direito de todos e dever do Estado e da família.” O artigo 207 estabelece que a **Educação Básica**, entendida desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, seja obrigatória, gratuita e **assegurada, inclusive, para todos os que não tiveram acesso na idade apropriada**.

Os principais instrumentos norteadores da educação brasileira são a Lei nº 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, que detalha e disciplina a educação escolar e delega à União “a coordenação da política nacional de Educação, articulando os diferentes níveis e sistemas e exercendo função normativa, redistributiva e supletiva em relação às demais instâncias educacionais” – e o Plano Nacional de Educação – PNE, objeto da lei nº 10.172/01, “com o objetivo de articular o Sistema Nacional de Educação em Regime de Colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação, para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas.” (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009).

O Ministério da Educação (MEC) estabelece a Educação Básica como o primeiro nível do ensino escolar. Três etapas fazem parte da Educação Básica: a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, abrangendo, ainda, as modalidades de Educação Profissional, Especial e **a Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. Cada uma dessas etapas com seus próprios objetivos e forma de organização.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da Educação Básica destinada a pessoas que não tiveram acesso ou não concluíram os estudos nos Ensino Fundamental e Médio. A idade mínima para ingresso é de 15 anos para o Ensino Fundamental e de 18 anos para o Ensino Médio, ofertados por meio de cursos presenciais e a distancia. A EJA visa ultrapassar o domínio da alfabetização de adultos, incluindo outros níveis de ensino e articulando-se com a questão da preparação dos estudantes para o mercado de trabalho e atividade social.

A LDB traz uma concepção da EJA para uma reposição do Ensino Fundamental e Médio, não havendo por parte do Estado a iniciativa de criar uma permanência social num programa de educação.

Pode-se entender que a lei fortalece o discurso para o engajamento da sociedade civil e, por outro lado, o enfraquecimento do Estado no que diz respeito às políticas públicas socioeducacionais, na promoção de uma educação efetivamente de qualidade.

Na década de 90, passa a vigorar um discurso sobre os desafios para a equidade da educação no Brasil. Nesse contexto, são analisadas as políticas educacionais. Nota-se um discurso para a mobilização de todos os setores para incentivar melhorias significativas na Educação Básica.

Diante desse cenário de desenvolvimento contemporâneo, a sociedade civil passa a atuar no Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos, mas num viés de numa educação para a competitividade de mercado, limitando-se na qualificação de mão de obra, e não na formação integral do aluno. Segundo Raimann, (2012):

Pode-se afirmar que os regimes de verdade, em torno da educação de jovens e adultos, elaboraram novos dispositivos e subjetividades, fabricando os alunos, dizendo o que são e o que precisam aprender para se inserirem nessa sociedade contemporânea. Assim, fabrica-se um tipo de indivíduo e de educação necessários ao funcionamento e à manutenção da sociedade capitalista.⁴

Na contramão desse pensamento modelador de indivíduos, e compreendendo a aprendizagem não como não uma reprodução objetiva de conteúdos ‘dados’, mas como uma produção subjetiva que tem a marca do sujeito que aprende.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais definem que a leitura como “um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc.” (PCN, 1997, p.42)

Ainda, os PCN’s preconizam que na escola a leitura deve ultrapassar a simples decifração do material escrito, devendo estimular o desejo do aluno por outras leituras;

⁴RAIMANN, 2012, p.336

possibilita a vivência de emoções, o exercício da fantasia, da imaginação, e a expansão do conhecimento.

A respeito da literatura, Zilberman (2008) declara que compete hoje ao ensino de literatura não mais a transmissão de um patrimônio já construído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor.

A execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como resultado satisfatório do processo de alfabetização e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário.

4 O ENSINO DE LITERATURA NA EJA

De acordo com pesquisa divulgada, em setembro deste ano (2014), pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal – Codeplan em parceria com a Secretaria de Estado de Educação do DF, no ano de 2012, foram 51.362 matrículas na Educação Básica na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, incluindo o ensino presencial, semipresencial e EJA integrado à educação profissional de nível médio.

Considerando essa demanda de alunos para à Educação de Jovens e Adultos, por seus diversos motivos, entende-se que é imperativo pesquisar sobre a prática de leitura no ambiente escolar e buscar o estreitamento no diálogo entre prática pedagógica e a leitura literária, destacando sua importância como marco maior na construção da identidade dos educandos e dos reflexos da literatura na vida dos alunos da EJA.

Desse modo, buscando compreender melhor o espaço escolar destinado a leitura literária, e contribuir com uma abordagem para o trabalho com a literatura e a formação de leitores, foi realizada a seguinte pesquisa:

4.1 Metodologia

4.1.1 Campo de pesquisa

A pesquisa foi realizada no Centro Educacional Nº 11 de Ceilândia – CED nº 11, localizado no Setor P Norte, na cidade de Ceilândia - DF, com alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA.

A escola faz parte da rede pública e funciona em três turnos. Nos turnos matutino e vespertino estudam os alunos do ensino regular, sendo 21 turmas (840 alunos) do Ensino Fundamental Séries Finais e 14 turmas (560 alunos) do Ensino Médio.

No noturno, a escola trabalha apenas com a Educação de Jovens e Adultos, que possui matriculados 530 alunos, o que corresponde a 12 turmas de EJA.

O CED nº 11 conta com projetos de melhorias de condições de trabalho de professores e alunos, tais como: a instalação de um laboratório de informática, a reforma da cantina, a criação de uma sala de educação física, de uma sala de coordenação, a construção de uma sala de múltiplas funções e de um auditório, como também projetos

voltados para a redução dos problemas e melhoria da qualidade de ensino, com a participação da comunidade, dos professores e dos alunos.

O Projeto Político-pedagógico se pauta pela melhoria contínua das práticas educacionais. O CED nº 11, inclusive, recebeu o prêmio INOVARE oferecido pela Unesco, em 2003, como escola inovadora em educação.

4.1.2 Sujeitos da pesquisa

O universo da pesquisa foi constituído de 100 (cem) alunos do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos.

4.1.3 Instrumento da coleta de dados

A pesquisa sobre a leitura literária no ambiente escolar da Educação de Jovens e Adultos foi realizada por meio de aplicação de questionário com questões objetivas. Esse instrumento foi uma adaptação do questionário Adaptação realizada no questionário “Leitura e Literacia” – 1º ciclo disponibilizado pelo Agrupamento de Escolas Gonçalo Sampaio - Bibliotecas Escolares / Ministério da Educação de Portugal. O questionário trabalhado com os alunos teve um total de 19 questões, todas relacionadas com o tema em estudo.

É importante destacar que para a pesquisa foi dado ênfase no ambiente da biblioteca, considerando este um espaço essencial para a formação de leitores no ambiente escolar.

Após a coleta dos dados partiu-se para a análise e interpretação dos dos valores obtidos. A análise dos resultados foi baseadas nos gráficos estatísticos gerados pelo Programa utilizado pelo CNPQ.

4.2 Análise dos dados dos alunos

Na figura 1, vê-se o percentual de alunos por idade, indicando uma maioria de jovens. Menos de 26% possui mais de 25 anos de idade.

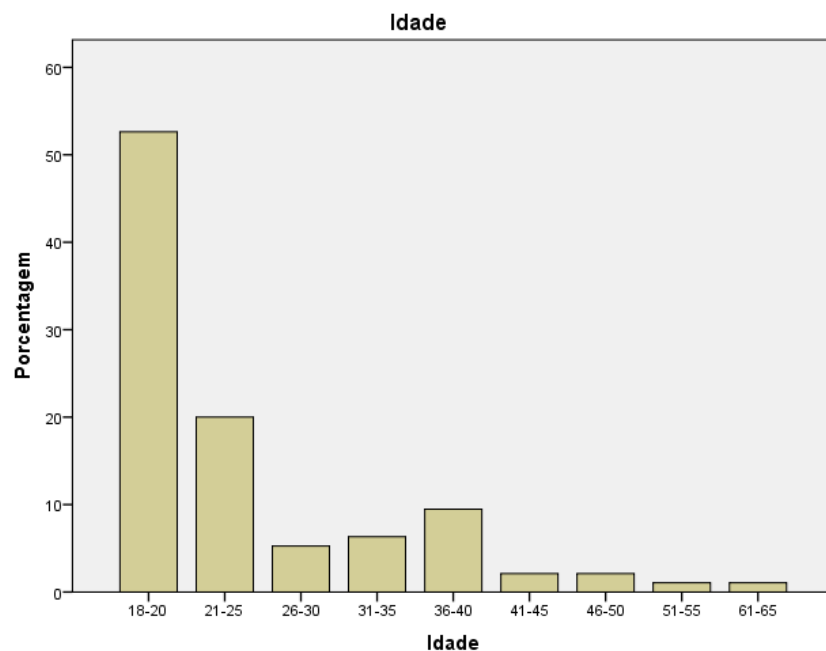


Figura 1 – percentual de alunos da EJA por idade.

Na figura 2, observa-se que 62% dos estudantes da EJA são mulheres.

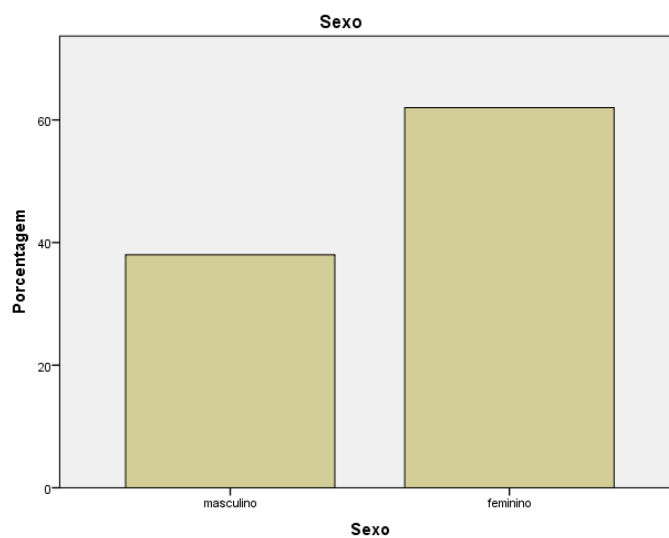


Figura 2 – percentual de alunos da EJA por sexo.

Na figura 3, 62% dos alunos declararam ir muito raramente e de forma irregular à biblioteca para ler.

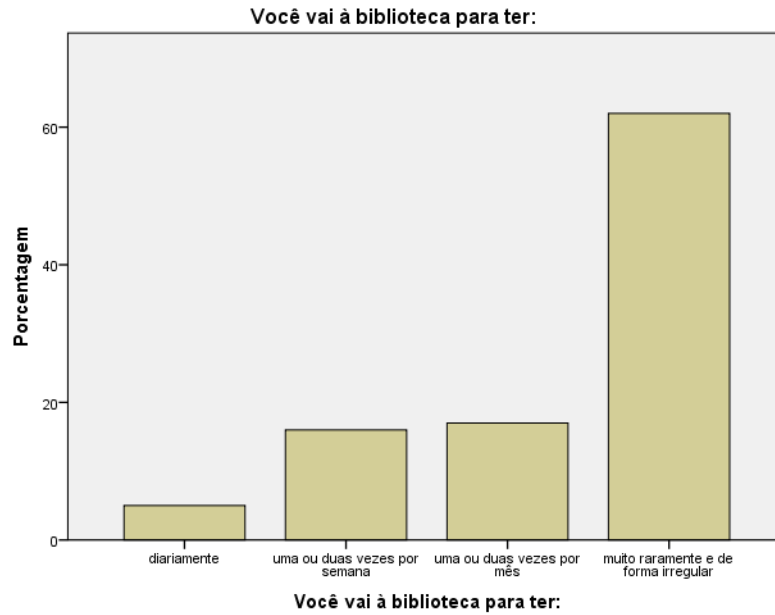


Figura 3 – frequência de uso da biblioteca para leitura.

*Errata: Na figura, onde se lê “ter” leia-se “ler”.

Com relação à frequência de leitura (figura 4), verificou-se que 47% dos alunos, às vezes, pegam livros na biblioteca para ler. Enquanto 29% declararam nunca apanhar livros.

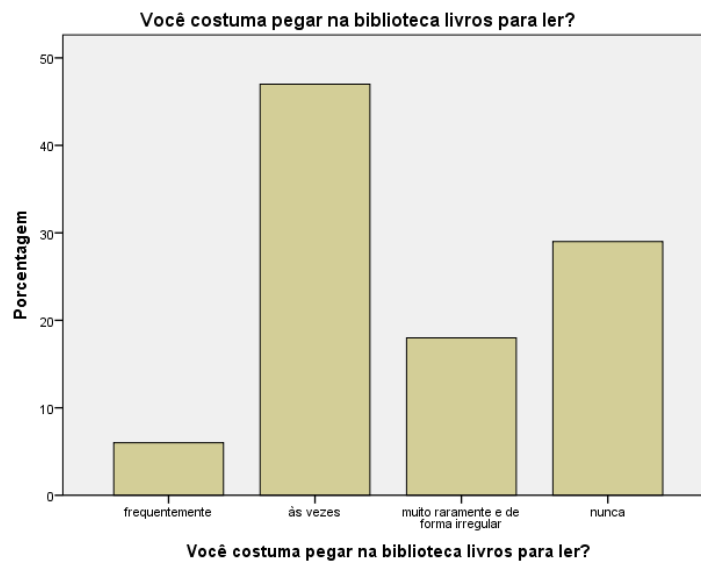


Figura 4 – frequência na retirada de livros na biblioteca.

A respeito do incentivo à leitura (figura 5), 39% dos alunos responderam que, quando vão à biblioteca pegar um livro, nunca o professor dá sugestão ou incentiva a leitura de alguma obra.

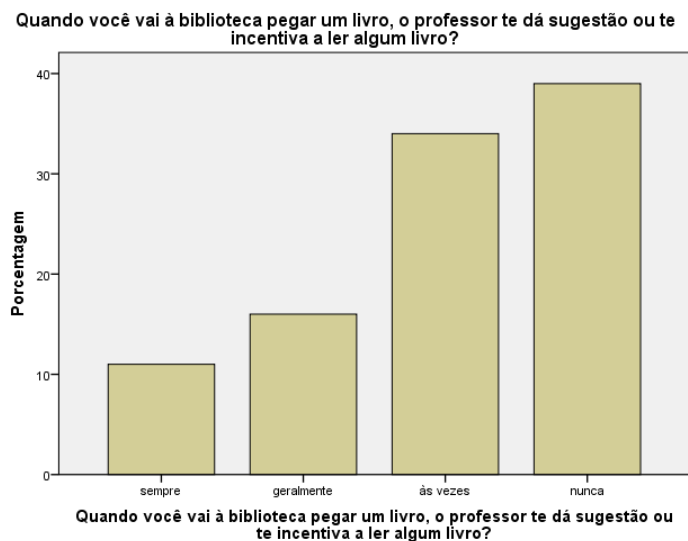


Figura 5 – incentivo do professor na leitura ou sugestão de obra.

Questionados sobre a participação em atividade de leitura na biblioteca acompanhados do professor e dos colegas (figura 6), 51 % dos alunos afirmaram que em nada participam, o que confirma os dados obtidos no item anterior e no item 4. Isso leva-nos a crer que uma maior participação de atividades de leitura na biblioteca, com incentivo do professor, os alunos passarão a frequentar mais esse espaço e terão maior oportunidade de ter contato com as obras literárias.

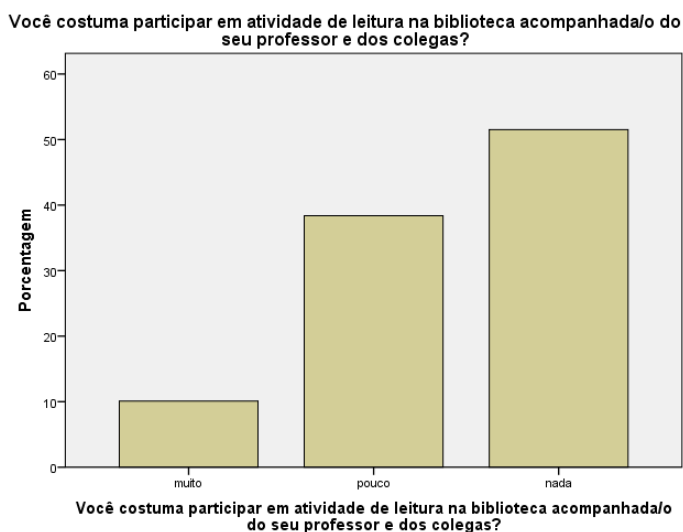


Figura 6 – participação em atividades de leitura na biblioteca.

Verifica-se na figura 7, que 39% dos alunos consideram a prática de leitura fácil e 27% declararam ser prazerosa. Fez-se necessário compreender a importância da relação do leitor com o texto. Barthes assume que todo texto é conotativo, ou seja, a escrita teria sempre a função simbólica de gerar a polissemia de sentidos que seriam atribuídos pelo leitor. O leitor criaria um espaço, um vazio, dentro desses textos e, através desse ato, seria recompensado com o prazer e a fruição.

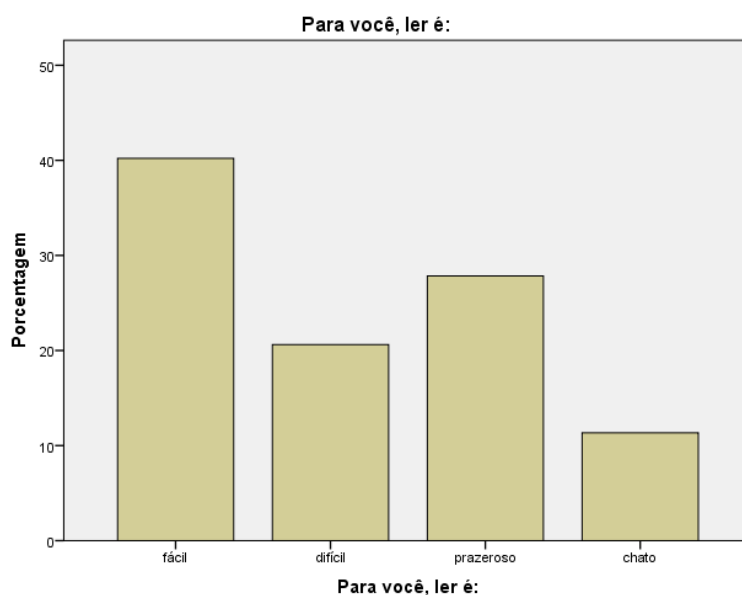


Figura 7 – O ato de ler.

Quando os alunos foram questionados se havia atividades que motivavam mais a leitura, 64% afirmaram que sim. No entanto, 50% responderam que não passaram a ler mais livros depois que ingressaram na Educação de Jovens e adultos. Mas 56% declararam ter melhores resultados escolares, porque estão mais à vontade na leitura (figura 8).

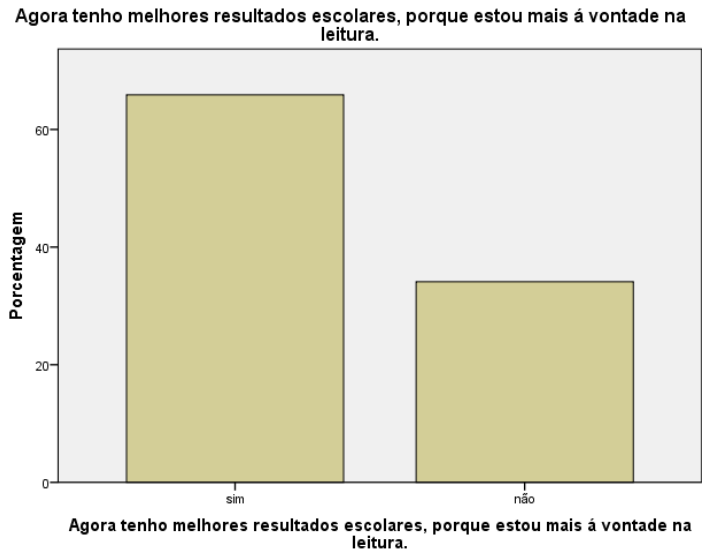


Figura 8 –Melhores resultados escolares com a prática de leitura.

Na figura 9, verifica-se que a metade dos alunos já ouviu falar em oficinas ou clubes de leitura. Isto significa que os alunos tem conhecimento sobre práticas de leitura que ultrapassam àquelas tradicionais restritas à sala de aula. Como Yunes (2003) enfoca a leitura como recurso civilizatório, é o que mais transdisciplinar temos par dar conta de questões que extrapolam método, instrumento, conteúdo, forma e campo de atuação específico. Ela se apresenta como constituinte mesma do conhecimento, porque ação de um sujeito ou de uma subjetividade em formação, forjando expressão própria, o que , afinal, é a meta principal de qualquer projeto educativo digno desse nome.



Figura 9 – Já ouviram falar sobre oficina ou clube de leitura.

A maioria dos alunos, quando questionados sobre quais práticas de leitura de gostariam que fossem utilizadas em sua escola (figura 10), declararam suas preferências em atividades coletivas. 28 % optaram por teatro, 23% por hora do conto (contação de histórias), 18% apresentação de paródia, 17% Cordel, 5% Sarau: momento para declamações.

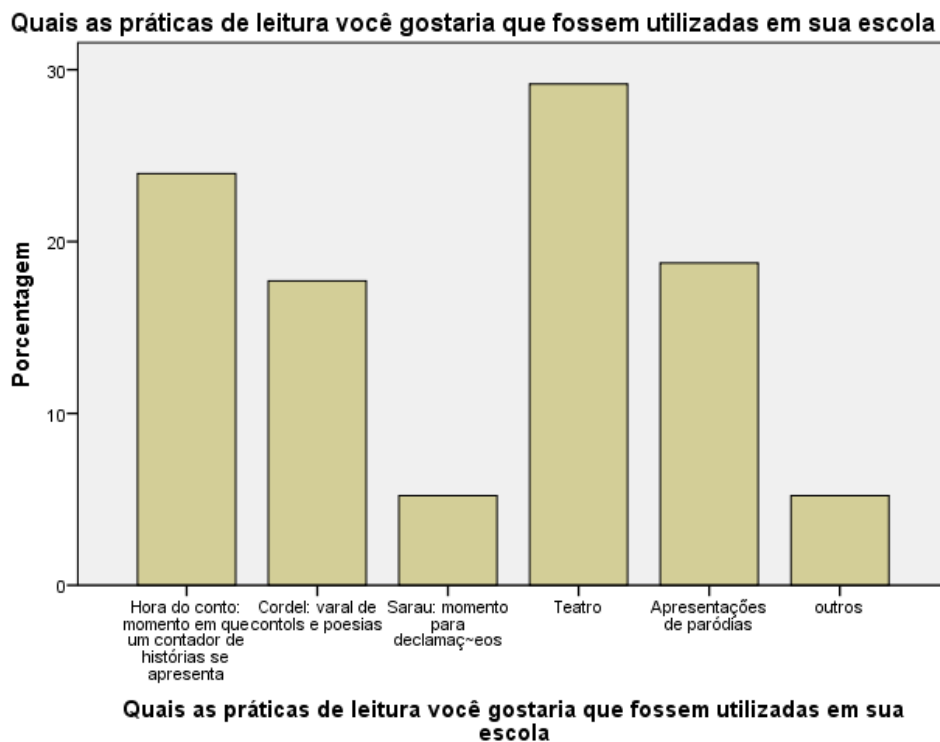


Figura 10- Práticas de leitura

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Ensino Médio, usualmente, o ensino de literatura no máximo alcança a história da literatura brasileira, inda que muito superficialmente, dicotomia entre os estilos de época, dados biográficos dos autores, algumas características do gênero... ou seja, numa perspectiva bem tradicional.

Quando os textos literários aparecem, vem fragmentados e para dar suporte as características dos períodos literários, quando não são utilizados para aulas de gramática.

Percebe-se uma dificuldade dos professores de Língua Portuguesa, às vezes até uma resistência, para o ensino de leitura literária e o trabalho com textos canônicos, por considerá-los pouco atraentes aos alunos, quer seja pela temática ou pela linguagem utilizada.

Segundo, Cosson (2006) a literatura no Ensino Médio resume-se a seguir de maneira descuidada o livro didático.

São aulas essencialmente informativas nas quais abundam dados sobre autores, características de escolas e obras, em uma organização tão impecável quanto incompreensível aos alunos. Raras são as oportunidades de leitura de um texto integral, e, quando isso acontece, segue-se o roteiro do ensino Fundamental, com preferência para o resumo e os debates, sendo que esses são comentários assistemáticos sobre o texto, chegando até a extrapolar para discutir situações tematicamente relacionadas.⁵

A prática pedagógica, que não privilegia a adequada leitura literária, está colaborando para a falência do ensino de literatura. A literatura não está sendo trabalhada no ambiente escolar de forma a garantir sua função essencial: construir e reconstruir a palavras que nos humaniza.

Portanto, a prática pedagógica precisa ser repensada. Faz-se necessário superar a noção conteudista do ensino e compreendê-lo como uma experiência de leitura a ser compartilhada, incorporando uma maior aproximação dos alunos com os textos literários.

⁵COSSON, 2006, p.22.

Segundo Brenman,(2012):

Todos os seres humanos deveriam ter o direito de traçar seus próprios caminhos e destinos. O traçado é feito na base da escolha, porém, se desde a nossa mais tenra infância somos alijados do contato com o mundo dos sentidos das palavras, percebemos que as oportunidades de escola diminuem muito.⁶

Por fim, o ensino de literatura deve romper o círculo da reprodução, permitindo que a leitura literária seja feita com prazer, mas, evidentemente, com o compromisso que todo saber e reflexão exigem.

Nesse caso, para a formação de um leitor consciente, de acordo com os relatos e pesquisas de Brenman (2012), para a formação de leitores e o para contato direto dos alunos da EJA com os textos literários, a contação de histórias e a leitura em voz alta de bons textos literários se mostra uma proposta eficiente de atuação com a literatura. Essas oficinas literárias permitem o acesso dos alunos à leitura, também desdobramento da literatura tanto na vida escolar e quanto confirmando seu poder de humanização.

⁶BRENNMAN, 2012, p.99.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAIT, Beth. Bakhtin: *Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. - Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BELLENGER, Lionel. *Os Métodos de leitura*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978. Apud: KLEIMAN, Ângela. *Oficina de Leitura - teoria e prática*. Campinas, SP – Pontes Editores, 2012.
- BRENNAN, Ian. *Através da vidraça da escola: formando novos leitores*. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita. Livro e literatura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- RAIMANN, E. Gottschalg. As Políticas Públicas para a Educação de Jovens e Adultos nos anos 90. In: LDB Balanço e Perspectivas. São Paulo: Alínea, 2012.
- VERÍSSIMO, José. *Que é Literatura e outros escritos?* São Paulo: Landy, 2001.
- YUNES, Eliana. Org. *Pensar a Leitura: Complexidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
- YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza. (org.). *A experiência da Leitura*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- Disponível em www.codeplan.df.gov.br. Acesso em 23/10/2013.

ANEXOS

Anexo I- Questionário aplicado para os alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA

QUESTIONÁRIO SOBRE LEITURA E LITERATURA

Prezado (a) Participante,

Este questionário visa identificar quais são suas práticas de leitura como aluno da Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Não existe resposta certa ou errada. Sua resposta deve exprimir o que você pensa.

Por favor, procure não deixar nenhuma questão em branco.

Sua contribuição é muito importante para realização deste trabalho. Por favor, seja sincero ao dar suas respostas.

Obrigada, desde já, pela sua importante participação nesta pesquisa.

Data: ____/____/____

Perfil do Participante

Idade: _____

Sexo

masculino

feminino

Frequente aEJA:

1º ano

2º ano

3º ano

9ª ano

Itens

1. Você vai à biblioteca para ler:

Diariamente

Uma ou duas vezes por semana

Uma ou duas vezes por mês

Muito raramente e de forma irregular

2. Em que situações você mais utiliza a biblioteca nas suas atividades de leitura?

(pode assinalar um ou mais itens)

Sozinho/a

Com o/a professor/a

Em atividades organizadas pela escola

Nos intervalos

Em outra situação: _____

3. Você costuma pegar na biblioteca livros para ler?

- Frequentemente
 Às vezes
 Muito raramente e de forma irregular
 Nunca

4. Quando você vai à Biblioteca pegar um livro, o professor te dá sugestão ou te incentiva a ler algum livro?

- Sempre
 Geralmente
 Às vezes
 Nunca

5. Você costuma participar em atividades de leitura na biblioteca acompanhada/o do seu professor e dos seus colegas?

- Muito
 Pouco
 Nada

6. Para você, ler é:

- Fácil
 Difícil
 Prazeroso
 Chato

7. Como você classificaria a sua capacidade de leitura?

- Excelente
 Boa
 Média
 Fraca

A Biblioteca Escolar:

8. Motivou-me para ler mais. sim não

9. Ajudou-me a encontrar livros interessantes.. sim não

10. Tem atividades que me fazem gostar mais de ler (divulgação de livros, grupos e leituras, concursos...)

. sim não

11. Você já ouviu falar em Oficinas ou clubes de leitura?

. sim não

Comparando a sua vida antes e depois de entrar para a Educação de Jovens e Adultos, com relação às leituras:

12. Agora leio mais livros. sim não

13. Agora leio mais depressa. sim não

14. Agora leio livros com mais texto e textos mais longos. sim não

15. Agora leio qualquer tipo de texto e compreendo melhor o que leio. sim não

16. Agora gosto mais de falar e de escrever sobre livros ou sobre outros assuntos. sim
não

17. Agora estou mais à vontade para discutir/ dialogar sobre preferências de leitura ou outros assuntos. sim não

18. Agora tenho melhores resultados escolares, porque estou mais à vontade na leitura. sim
não

19. Quais as práticas de leitura você gostaria que fossem utilizadas em sua escola?

Hora do Conto: momento em que um contador de histórias se apresenta

Cordel: varal de contos e poesias

Sarau: momento para declamações

Teatro

Apresentação de paródias

Outros _____

*Adaptação realizada no questionário “Leitura e Literacia” – 1º ciclo disponibilizado pelo Agrupamento de Escolas Gonçalo Sampaio - Bibliotecas Escolares. Ministério da Educação de Portugal